



Ministério

Adventista



Março-Abril de 1968



Desenvolvimento Intelectual

"Um ministro nunca deve julgar que já aprendeu bastante, podendo agora afrouxar os esforços. Sua educação deve continuar por toda a vida." — Obreiros Evangélicos, pág. 94.

"Os ministros idosos e experientes devem sentir que é seu dever, como servos assalariados de Deus, avançar, progredindo dia a dia, tornando-se continuamente mais eficientes em seu trabalho, e arranjando constantemente assuntos novos para apresentar ao povo....

"Deus não tem emprêgo para homens preguiçosos em Sua causa; Ele quer obreiros atenciosos, bondosos, afetivos e diligentes. O esforço ativo fará bem a nossos pregadores....

"As pessoas que não adquiriram hábitos de estrita operosidade e economia de tempo, devem ter regras estabelecidas para as estimular à regularidade e à presteza....

"Os homens de Deus precisam ser diligentes no estudo, esforçados na aquisição de conhecimentos, nunca desperdiçando uma hora. Mediante esforços perseverantes, podem atingir quase qualquer grau de eminência como cristãos, como homens de poder e influência....

Todos devem sentir que sôbre si repousa a obrigação de atingir as alturas da grandeza intelectual....

"Cultura mental, eis o que nós, como um povo, necessitamos, e o que devemos possuir, a fim de satisfazermos às exigências da época. A pobreza, a origem humilde e um meio desfavorável, não impedem, necessariamente, o cultivo da mente." — Idem, págs. 277-280.

O Êxito Está ao Vosso Alcance

NEAL C. WILSON

Vice-Presidente da Associação Geral

MUITAS vêzes usei os escritos do Espírito de Profecia para silenciar um oponente, para animar e incentivar os membros da igreja, para reforçar um argumento, ou como material de consulta em questões doutrinárias. Ao lerdes meu testemunho neste artigo, desejo porém que compreendais como o Espírito de Profecia tem sido para mim uma constante fonte de energia e encorajamento.

Sòmente quando parei de procurar passagens para serem lidas ou citadas para os outros, e comecei a ler os escritos da mensageira do Senhor com o objetivo de verificar o que êles continham para minha própria alma, é que experimentei verdadeiro enriquecimento espiritual. Descobri que essas páginas eram um infalível conselheiro e guia, um revelador de coisas ocultas e desagradáveis em minha vida, e um conforto e lenitivo para meus desgostos e mágoas. Além disso, percebi que elas me auxiliariam realmente a conhecer a mim mesmo e como relacionar-me com minha obra, com problemas e indivíduos com que defrontava em tôda parte.

Tranqüilidade Mental

Tornou-se-me bem claro por que o profeta dissera em II Crôn. 20:20: "Crede nos Seus profetas, e sereis bem sucedidos" (*Revised Standard Version*). Eu queria ter êxito como ministro e ser alegre e feliz, apesar de reveses, infortúnios, divergências de opinião etc. Perguntei pois a mim mesmo: "Se o Espírito de Profecia visa ajudar-me a ser bem sucedido, quão explícitas são as instruções que contém?" Fiquei maravilhado com o que descobri!

Percebi que a serva do Senhor delineara claramente como eu poderia enfrentar e vencer hostilidades e frustrações, e adaptar-me às circunstâncias sem comprometer o respeito próprio e os princípios. Que gemas preciosas encontrei para estabilizar minhas atitudes e servir de bálsamo terapêutico a uma perspectiva sadia quanto à vida!

No tocante ao assunto do viver saudável, por exemplo, encontrei cinco volumes inestimáveis. O valor do exercício, do ar puro, da luz do Sol, da água, da confiança em Deus, e de um regime vegetariano, redundando em clareza mental, disposição animosa, bom senso, perseverança, ale-

gria de viver, fisionomia radiante, calma e serenidade — tudo isto recebe devida ênfase. Quão animador é receber instruções que nos afastam dos fogos do fanatismo ou do gelo da indiferença!

Tudo se Achava Ali

Verifiquei que o Espírito de Profecia proporcionava abundante orientação prática na conquista de almas. Como tornar interessantes as reuniões de oração; como reter os jovens na igreja; como dar conselhos; o que salientar na pregação; como ser um pastor e conduzir almas à decisão; como elaborar um programa diário de tal maneira que sobre tempo para oração e estudo; como tratar e adestrar principiantes e ministros jovens; como evitar o desalento e o acabrunhamento em grandes regiões metropolitanas; como auxiliar os que lutam com aflições, tristezas ou remorsos; por que temos tão pouca influência sobre parentes e amigos não convertidos; como lidar com os que pensam ser intelectuais e originadores de novas teorias e nova luz; que parte o estudo da Natureza deve desempenhar na vida do cristão; e quais as ilustrações que devem ser usadas para explicar da melhor maneira possível os incompreensíveis mistérios do amor divino, da salvação e da vida eterna — tudo se achava ali!

Auxílio Administrativo

Na qualidade de administrador, descobri muita coisa para tornar meu ministério mais eficiente, a saber: Como ser ponderado, bondoso e imparcial; como incentivar grandes objetivos e alvos; que fazer em casos de disciplina; como unir a justiça à misericórdia; como evitar o abuso da autoridade; como suscitar confiança, lealdade e espírito de cooperação; como relacionar-se com o governo e as leis do país; quais as atitudes que devem ser mantidas para com as pessoas ricas, cultas e influentes da Terra; como conservar bem nítido o verdadeiro propósito e alcance das instituições; como acautelar-se dos perigos da transigência e conformidade; qual a posição a ser adotada em conexão com questões raciais, costumes nacionais e a dignidade e o valor duma alma; e o fato de que o administrador também deve ser um pastor e ganhador de almas.

Isto é apenas uma síntese do que o Senhor proveu para ajudar-me a obter êxito em meu

(Continua na pág. 9)



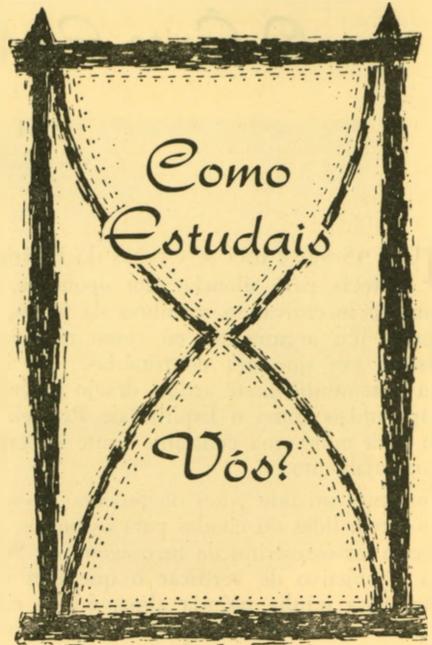
ALGUNS acham estranho que esperássemos descobrir alguma coisa nova num Livro que foi completado há uns mil e novecentos anos. Outros duvidam que seja possível atingir as alturas alcançadas por estudantes bíblicos no passado. Alguns estão persuadidos de que os dias da notável prega-

ção expositiva terminaram nas primeiras décadas deste século XX. Não concordamos com nenhuma dessas idéias. Cremos que na mina da Escritura Sagrada ainda há ricos veios de preciosos pensamentos que ao serem abertos produzirão uma riqueza espiritual que iguale e até exceda os que foram descobertos por nossos antepassados.

Com a mesma firmeza, estamos convencidos de que essa crença não terá oportunidade de confirmar-se a menos que demos cuidadosa atenção a nossos métodos de estudo da Bíblia. A leitura intermitente, casual e rotineira do Livro nunca porá a descoberto os tesouros que esperam ser revelados. Podemos deparar acidentalmente com algumas jóias que estão perto da superfície, mas os inexauríveis filões permanecerão intatos até aprendermos a cavar mais profunda, sistemática e incansavelmente. Quão amarga será nossa tristeza se descobirmos que passamos por alto incalculáveis riquezas, só porque não nos detivemos o suficiente para encontrá-las!

É isto não é uma questão exclusivamente pessoal. Envolve o bem-estar da igreja, pois a igreja hoje em dia desfalece por escassez de pregadores poderosos, e estes estão faltando por haver muito poucos estudantes diligentes da Palavra. A época dos grandes pregadores não terminou: ela está apenas marcando o passo, esperando que surjam ministros que estudem da maneira como estudavam os gigantes do púlpito nos tempos passados. Olhai para qualquer dos principais pregadores de outrora e notareis que foram acima de tudo estudantes dos Oráculos de Deus, e sua preeminência no púlpito baseava-se firmemente em sua preeminência no estudo. Pensei em Wycliffe, Huss, Lutero, Zuínglio, Calvino, Knox, Wesley, Whitefield, Spurgeon, Jowett, McClaren e, atualmente, Billy Graham. Todos estes homens estavam imbuídos da Palavra de Deus e deviam seu poder no púlpito ao profundo conhecimento que tinham dessa Palavra.

Precisamos homens modernos de igual valor. A igreja que conta com um pregador inspirado pela Bíblia não permanecerá vazia durante muito tempo. A natureza humana ainda se mostra sensível à oratória, e àquele cuja eloquência provém de profundo estudo da Bíblia nunca faltará um auditório, mesmo neste século XX.



1.^a Parte

BERNARDO E. SETON

Presidente da União Britânica

Resolvamos, portanto, como pregadores atuais ou embrionários, que nosso ministério se baseie em profundo conhecimento e aplicação das Escrituras.

Estudo Pessoal

O fundamento de todo verdadeiro conhecimento bíblico e da compreensão desse conhecimento, é o estudo pessoal da Bíblia. A tentativa de explanar as Escrituras sem a experiência do estudo pessoal conduzirá a exposição superficial, artificial e insincera, e nosso ensino não será melhor do que o bronze que soa, ou o címbalo que retine. Por outro lado, o estudo para nossa própria edificação nos habilitará igualmente para ajudar a outros. Nossa própria consideração e diligência para com a Palavra impregnará nossa personalidade e, de maneira desconhecida a nós mesmos, inspirará aqueles com quem vivemos e trabalhamos.

Como empreenderemos tal estudo?

Nossa primeira sugestão diz respeito a um processo elementar, mas essencial, a saber, a leitura da Bíblia. Conquanto a atenção a qualquer parte do Livro possa trazer benefício, perder-se-á muita coisa se não for efetuado um estudo especial dentro do plano da leitura regular de todo o volume. Tal desempenho confere-nos

gradualmente o domínio sobre o conteúdo da Bíblia: Ficamos familiarizados com toda a sua história, ajustamos suas partes componentes, começamos a entender sua filosofia uniforme, reunimos uma profusão de conselhos espirituais que podemos utilizar à vontade, e nossa linguagem fica impregnada com o que lemos tão assiduamente.

A Bíblia é uma pedra preciosa com tantas facetas, que não é possível divisar todas as suas belezas ao mesmo tempo. Temos, pois, de ler várias vezes o mesmo trecho a fim de apanhar suas significações literárias, históricas, teológicas, humanitárias e pessoais. Talvez seja por isso que Campbell Morgan declarou nunca ousar expor a mensagem de qualquer livro da Bíblia sem o haver lido cinquenta vezes!

Naturalmente, a simples leitura não é suficiente. Ler página após página pode-se tornar tão mecânico que a custo saibamos o que lemos. Este perigo está inerente no Ano Bíblico, que pode tornar-se uma maratona anual, a não ser que reforçemos nossa leitura por uma meditação mais compassada da mensagem de Deus.

Temos de reconhecer, portanto, que a leitura inicial estabelece apenas o alicerce para o estudo autêntico. Nossa investigação do Livro todo dirige a atenção para versículos, capítulos, livros e assuntos que despertem nosso interesse teológico. Enquanto se estiver lendo, convém anotar essas passagens e usar tais notas como o ponto de partida para real *estudo*, que seja diferente da *leitura*. Escolhei um desses textos descobertos recentemente, explorai suas possibilidades, saboreai-lhe a essência, extraí sua doçura, fazei com que ele revele seus segredos. Ao fazê-lo, estareis empenhados em estudo!

Temos de reconhecer que isto é inevitavelmente uma tarefa vagarosa. No estudo da Bíblia, a corrida raramente tem que ver com a velocidade; com efeito, a rapidez muitas vezes é fatal para o estudo. A qualidade tem muito mais valor do que a quantidade, no que diz respeito à compreensão da Palavra de Deus. Estejamos pois preparados para avançar lentamente, para deter-nos em pastos verdejantes e para demorar-nos junto de águas tranqüilas; haverá então oportunidade de depararmos com o pensamento que o Espírito tencionava fosse encontrado por nós nos versículos que lemos.

Esbanjaremos valiosíssimo tempo se empregarmos esta tarefa superespiritual em nossa própria capacidade mental. "O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus . . . ; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente." I Cor. 2:14. Devemos, portanto, reforçar nosso estudo pela oração — antes, durante e depois de nossa concentração em qualquer assunto especial. Talvez o melhor estudo seja feito de joelhos, com a Bíblia aberta diante de nós, de modo que enquanto estivermos lendo

possamos falar com o Senhor sobre a passagem e ouvir-Lhe a explicação. Assim acompanharemos os Seus pensamentos.

Isto poderá parecer uma atividade desagradável. Somos tão aferrados a opiniões preconcebidas, tão cheios de conceitos alheios, que se torna difícil ter uma compreensão nítida de qualquer assunto, e talvez percamos a esperança de alcançar o pensamento transmitido por Deus a Seus servos, os profetas. O reiterado estudo da Palavra dominará esta dificuldade. Precisamos ler, reler e ler novamente. Precisamos meditar até ser devassado o profundo significado da passagem que escolhemos. Chegaremos então ao âmago do conhecimento religioso e entenderemos realmente o propósito divino. Tal processo é penoso, pois exige disciplina e poderá ser até um tanto desconcertante, por levar-nos a rever idéias defendidas a êsmo, conceitos irrefletidos e pensamentos precipitados. Mas será compensador, pois nos guiará a toda a verdade.

Que Devemos Estudar?

O principiante com frequência fica desorientado diante da abundante variedade de escolha. Sessenta e seis livros! Onde começar?

Sua leitura pessoal já deve ter indicado certas partes que prometem uma colheita de pensamentos mais profundos, mas talvez necessite ainda de sugestões específicas no tocante aos livros que com mais facilidade produzirão temas de sermões. Um dos mais acessíveis é indubitavelmente o livro de Salmos, que milhares de ministros têm considerado inesgotável repertório homilético. Esses cento e cinquenta poemas são principalmente um testemunho da relação espiritual do homem para com Deus; ao tratar, porém, deste tema, os poetas nos oferecem admirável descrição do Onipotente. Não podemos deixar de maravilhar-nos de que tais vislumbres fôssem experimentados por homens que viveram em meio às asperezas do Oriente Próximo, no início do primeiro milênio antes de Cristo. É improvável que excederemos sua compreensão do Altíssimo, antes de nos acharmos perante o Eterno. Sem dúvida alguma, portanto, será útil empreender um estudo sistemático dessas composições líricas, na ordem numérica ou de acordo com a preferência pessoal, fazendo uma lista dos salmos e conservando um registro do progresso feito até ser abrangido o livro todo. Dêste modo poderemos considerar a relação do homem para com seu Criador, a revelação que o salmista faz de Deus, a atitude do justo para com o pecado, a conformação com o sofrimento, a religião e a Natureza, a arte do louvor e uma lista quase interminável de temas empolgantes.

Se houver uma objeção válida à concentração nos Salmos, é a seguinte: Eles são pré-cris-

tãos, foram compostos em escuridão parcial antes que “a luz do conhecimento da glória de Deus” incidisse “na face de Jesus Cristo.” Mas esta restrição poderá ser contrabalançada facilmente por um estudo simultâneo dos Evangelhos. Não leva muito tempo para ler esses livros, mas visto que teremos de começar com um dêles, será bom escolhermos o mais curto — o Evangelho Segundo S. Marcos. Por via de regra, êle também é considerado o mais simples, mas essa opinião é um tanto superficial, por basear-se grandemente em sua forma literária e desconhecer o fato de que as quatro narrativas relatam a mesma história fundamental e apresentam aos leitores o mesmo Homem sobrenatural — Jesus Cristo. O estudo diligente, baseado na leitura constante dos Evangelhos, formará em nossa mente uma harmonia desses livros e cabal conhecimento de todos os pormenores da vida de nosso Senhor, que foram registrados. Que melhor conhecimento poderá adquirir o cristão?

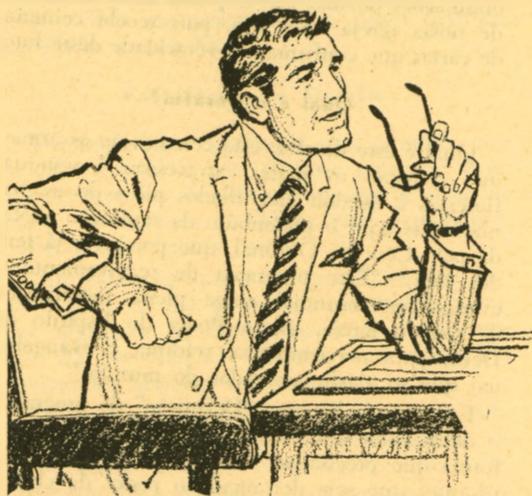
E depois? Para onde nos volveremos após êste estudo fundamental do Antigo e do Nôvo Testamentos? Um dos mais ricos repositórios de pensamentos religiosos é a coleção de cartas de Paulo, escritas pelo orientador da cristandade depois que êle meditara diligentemente nos mistérios relacionados com a Encarnação. Nas treze ou catorze cartas resultantes êle apresenta a mais ampla extensão de reflexões práticas e teológicas que possa haver, desde a relativa simplicidade de Filemom e Tito, até as crescentes profundezas de Tessalonicenses e Filipenses e as complexidades de Efésios e Romanos. Qual o pregador que exauriu as “inescrutáveis riquezas” dessa correspondência pastoral?

Depois de nos havermos deleitado com êsse estudo, apenas saltamos por cima de pequena parte do dilatado âmbito teológico que espera ser explorado por nós, pois cada página da Bíblia é um roteiro para conduzir-nos a aprazíveis regiões novas em que se encontra abundante alimento espiritual. Portanto, leiamos e leiamos muitas vêzes mais, suplicando que o Autor das Escrituras nos abra os olhos para contemplar as maravilhas de Sua lei.

Os franceses têm um ditado para isso: *Chacun a son goût*, quer dizer: “Cada pessoa tem o seu gosto.” Diferimos em nossas naturezas físicas; não estabeleçamos, portanto, leis draconianas para os outros. Descubra cada um a rotina que se adapte melhor ao seu caso, e apegue-se fielmente a um programa sensato de estudo. Muitas teorias sôbre esta questão têm pouca probabilidade de serem postas em prática devido a estarem divorciadas da realidade, mas isto não deve desalentar-nos, pois cada um de nós poderá escolher o tempo apropriado e fazer suas próprias resoluções neste sentido. No entanto, seja qual fôr o tempo que dediquemos ao estudo, êle deve ser regular, tranqüilo, sossegado, empregado honestamente e estar repleto de atividade mental bem elaborada. A pessoa indolente dificilmente produzirá algo que desper-te a alma! Além disso, desvencilhem-nos de qualquer complexo referente ao tempo ideal para o estudo. Estejamos preparados para utilizar todos os momentos disponíveis, ao viajar ou ao esperar para cumprir algum compromisso.

Embora tenhamos todos vinte e quatro horas à nossa disposição e certa liberdade em seu uso, nem todos possuímos o bem aparelhado gabinete com que são favorecidos alguns obreiros. Não obstante, cada pessoa estudiosa precisa de um local de estudo, mesmo que consista apenas de um canto dum aposento da casa. Deve ter uma escrivaninha ou mesa com uma cadeira razoavelmente (mas não demasiado) confortável, e um lugar em que possa guardar os livros que forem mais necessários naquele momento. É de grande valor que os livros de consulta estejam ao alcance da mão, pois então é mais provável que sejam manuseados. Fazei, portanto, com que a Bíblia em diversas línguas e versões, bem como um ou dois comentários e dicionários bíblicos, se encontrem a pequena distância. Sob tais condições, uma hora de estudo concentrado pode causar resultados bastante satisfatórios.

* “Permiti-me dizer-vos que o Senhor trabalhará nesta última obra de modo muito fora da comum ordem de coisas e de um modo que será contrário a qualquer planejamento humano. . . Deus usará maneiras e meios pelos quais se verá que Êle está tomando as rédeas em Suas próprias mãos. Surpreender-se-ão os obreiros com os meios simples que Êle usará para efetuar e aperfeiçoar Sua obra de justiça.” — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 300.



O Desafio da Conclusão da Obra*

ROBERTO H. PIERSON

Presidente da Associação Geral

1.ª Parte



DDURANTE meses recentes houve duas grandes e importantes reuniões de igreja. Nestas assembléias foram tomadas resoluções notavelmente análogas. Em 26 de outubro a 4 de novembro de 1966, reuniu-se em Berlim o Congresso Mundial de Evangelismo. Evangelistas, pastores, teólogos e outros dirigentes de igreja em mais de cem nações diferentes congregaram-se para debater processos e métodos de pregar o evangelho de Cristo até os confins da Terra. Conforme escreveu um redator antes do início dessa convenção, esses dirigentes cristãos de diversas denominações evangélicas se reuniram para esquadrihar “a alma com vistas às instruções de despedida que o Cristo ressurreto deu a Seus seguidores.”¹ Cristãos evangélicos de muitos países focalizaram os olhos e as orações neste congresso, esperando ardentemente que ele “acendesse o estopim de uma explosão evangelística mundial,”² pois consideravam aquela “a mais significativa oportunidade para planejamento evangelístico na época moderna.”³

Esses líderes cristãos, congregados em Berlim, levaram consigo uma sensação de urgência, inspirada pela firme convicção de que a segunda vinda de Cristo está próxima, e de que precisavam apressar-se consideravelmente para proclamar Seu evangelho salvador com crescente poder, a fim de ajudar a preparar o mundo para esse grande acontecimento.

“Percebem que a atividade evangelística da

Igreja nesta geração poderia ser um passo preparatório para o glorioso regresso de Jesus Cristo,”⁴ escreveu um redator pouco antes da reunião de Berlim. Notai bem as palavras “nesta geração.” Ministros de outras denominações partilham nossa sensação de urgência nestes dias desafiadores. O escritor prossegue com palavras que são compreendidas por todo dirigente adventista do sétimo dia, pois elas refletem de perto nossa própria opinião. “Nunca dantes a tarefa de transmitir à raça humana o evangelho do Cristo vivo deparou com obstáculos tão graves, ou exigiu maior urgência da Igreja de Jesus Cristo.”⁵ Então ele passa a indicar os que têm de executar essa tarefa. Notai novamente os reverberos adventistas: “A tarefa urgente de levar o Evangelho a toda a raça humana recai sobre cada cristão.”⁶ Até parece ser um departamental de Atividades Missionárias que está falando, não é mesmo?

Caudal de Urgência

Através de cada uma destas três declarações desafiadoras flui uma corrente rápida e impetuosa. No Congresso de Berlim houve uma renovação do lema usado na Convenção Northfield, de Dwight L. Moody, em 1886: “A Evangelização do Mundo Nesta Geração.”

No discurso de abertura do congresso, o Dr. Billy Graham realçou a hora avançada em que vivemos e deu ênfase ao senso de urgência que todos os cristãos devem ter hoje em dia. “Os próximos vinte e cinco anos serão os anos mais decisivos desde que Cristo esteve na Terra,” declarou ele.⁷

“Temos uma só tarefa — continuou Billy

* Mensagem proferida no Concílio Ministerial realizado na Universidade Andrews, em 7 de março de 1967.

Graham — a penetração do mundo todo nesta geração, com o Evangelho!”

“Mas — acrescentou êle — uma das grandes questões dêste congresso é: Poderá a Igreja ser reavivada a fim de completar a penetração do mundo em nossa geração?”⁸

Convém que os adventistas do sétimo dia dêem cuidadosa e devota consideração a êstes dois últimos pontos: nossa incumbência de penetração mundial com a mensagem do Advento, e a condição para a igreja possuir o poder espiritual que a habilite a efetuar essa tarefa.

Orientação da Parte do Senhor

A outra memorável reunião de igreja realizada há pouco tempo ocorreu em Washington, D. C., alguns dias antes do famoso congresso de Berlim. Foi o Concílio Outonal de 1966, realizado nos dias 19 a 24 de outubro. Também tivemos representantes de muitos países. Além dos oficiais da Associação Geral, contamos com a presença dos presidentes de nossas grandes Divisões mundiais, que vieram para fazer deliberações. Os oficiais das Uniões norte-americanas, os presidentes de Associações locais, os dirigentes de instituições e muitos outros compareceram igualmente nesta importante convocação.

Nós também nos reunimos para esquadriñar “a alma com vistas às instruções de despedida que o Cristo ressurreto deu a Seus seguidores.” Sentimos igualmente a urgência do momento atual. Estávamos inteirados de que êste Concílio Outonal bem poderia ser um dos importantes marcos na recente história denominacional. Durante as considerações, as palavras “urgência,” “esta geração,” “reavivamento,” “reforma,” “sacrifício” e “evangelismo” brotaram frequentemente dos lábios de líderes dedicados. Nossa orientação não proveio de nossos amigos evangélicos, mas de profundo estudo da Palavra de Deus e do Espírito de Profecia.

Desde o término do Concílio Outonal, o repto dessa convenção repleta do Espírito Santo circulou ao redor do mundo — sem dúvida em centenas de línguas — onde é proclamada a mensagem do Advento. Por intermédio da *Review and Herald*, e dos periódicos de nossas Divisões e Uniões, soou o toque de clarim. Os oficiais da Associação Geral em visita aos concílios das Divisões, em muitos países, levaram a mensagem consigo. Passaram a tocha aos dirigentes das Divisões, que por sua vez a transmitiram fielmente, com incontido fulgor, a suas Uniões, até chegar às Associações e Missões locais, e aos dirigentes de igreja. Não houve interrupção no plano! A mensagem chegou a seu destino. O espírito que o Senhor achou por bem enviar entre os Seus dirigentes em Takoma Park, no mês de outubro de 1966, alastrou-se como as

ondulações do mar até os postos mais avançados de nossa igreja. Sei isso, pois recebi centenas de cartas que confirmam a veracidade dêste fato.

Qual é o Desafio?

Qual é êste desafio, esta convocação às armas, que transpôs os mares, atravessou longínquas florestas e escalou alcantilados picos de montanha? Eis aqui o preâmbulo da resolução adotada pelo Concílio Outonal, que por certo já tendes lido: “Êste programa de reavivamento e evangelismo mundial exige plena mobilização de toda a igreja, sob o Poder do Espírito de Deus, para reavivamento, reforma e evangelismo que se alastre ao redor do mundo.”

Em seguida há uma “Definição” do programa — delineando uma obra de reavivamento e reforma que precisa ser efetuada dentro da igreja antes que seja derramado o poder da chuva serôdia para rápida terminação da obra que nos foi designada. O “Alcance” do plano não somente dava um toque de clarim para evangelismo, mas esboçava um programa de coordenada conquista de almas envolvendo cada departamento, obreiro e membro da igreja.

Considerai Êstes Cinco Pontos

1. *O Espírito Santo tem de fazer algo em favor da igreja.* Êle precisa fazer alguma coisa por vós e por mim. Sôzinhos não poderemos cumprir a grande tarefa que nos foi confiada pelo Mestre. É mister haver um poder de fora. Êsse poder tem de ser a vigorosa operação do Espírito Santo em corações e vidas necessitadas. Nada menos será suficiente durante êste tempo de crise em que vivemos e labutamos.

2. *Deve haver um reavivamento da piedade primitiva entre nós como povo.* O caminho do Rei precisa ser desobstruído; o pecado e o eu devem abrir alas para o Salvador e o Espírito Santo.

3. *Reavivamento não é o suficiente — verdadeira reforma deve acompanhar as emoções iniciais que os santos anelantes sentem no coração.* Reavivamento é apenas o começo de uma obra que deve continuar. Reforma é a duradoura demonstração prática da graça de Deus transformando a vida de Seus filhos. Os velhos hábitos, a velha vida, os velhos costumes precisam findar para sempre!

4. *Nôvo brado de evangelismo deve repercutir ao redor do mundo, convocando tanto os obreiros como os membros para o maior repto de todos — a conquista de almas!*

5. *Para alcançar os objetivos já mencionados na resolução do Concílio Outonal, é necessário haver plena mobilização de toda a igreja!* Aos ministros e aos leigos, aos jovens e aos idosos, aos ricos e aos pobres, a cada departamento,

a cada instituição — declara a mensageira do Senhor — deve ser designado um papel definido na última grande luta.

Enfrentando o Desafio

Volvamos agora a atenção para a tarefa que se acha diante de nós. É para enfrentar mais eficazmente este desafio que viestes de tôdas as partes da América do Norte para esta importante reunião hoje à noite.

Que passagem seria mais apropriada para este repto geral, do que as palavras do próprio Salvador, registradas no Evangelho de S. João, capítulo 20, versículo 21? "Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio."

O Pai enviou Jesus ao mundo com uma missão — uma urgente missão evangelizadora de vida ou morte. Ele veio como alguêm que trabalhava com hora marcada. Teve apenas três anos e meio para cumprir Sua missão.

"Assim como o Pai Me enviou — declara Ele — Eu também vos envio." Cada membro de Sua igreja tem a obrigação de desempenhar sua parte numa missão análoga — a urgente missão de vida ou morte para ganhar almas! Tôdas as demais atividades devem estar subordinadas ao maior de todos os encargos — salvar os perdidos!

"Primeira Preocupação"

Os obreiros adventistas do sétimo dia são pessoas ocupadas. Existe quase um número infundável de coisas que reclamam sua atenção. Têm de construir igrejas, administrar escolas, alcançar alvos. Todos estes projetos são meritórios, constituem uma parte de vital importância em nosso programa e são deveres que de maneira alguma convém negligenciar! Porém, seja o que fôr que fizermos, nunca olvidemos que nada deve superar nossa mais importante incumbência e nosso maior privilégio — conquistar almas. "Ganhar almas para o reino de Deus precisa ser" nossa "primeira preocupação."⁹

"Temos a mais solene e probante mensagem para proclamar ao mundo. Mas demasiado tempo se tem dedicado aos que já conhecem a verdade. Em lugar de gastar tempo com aqueles que já têm tido muitas oportunidades de conhecer a verdade, ide ao povo que nunca ouviu vossa mensagem."¹⁰

Estas palavras são claras. Por mais importante que seja cuidar dos que já pertencem à igreja, isto não deve impedir-nos de trabalhar em favor daqueles que nunca ouviram a mensagem adventista.

"Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a tôda criatura." S. Mar. 16:15. Isto com certeza não é uma ordem estranha para os adventistas do sétimo dia. Durante mais de um século tem ecoado nos ouvidos do povo escolhido de Deus. É uma prescrição todo-abrangente. Abrange a *vós* e a *mim*; abrange cada pessoa que aceitou a mensagem do Advento. Enviamos a tôdas as localidades geográficas imagináveis, a tôdas as categorias sociais, a tôdas as profissões, raças, tribos e crenças!

Não um Apêlo Facultativo

Este não é um apêlo facultativo que podemos aceitar ou desprezar, segundo acharmos conveniente. Não ousamos hesitar ou procrastinar. É um imperativo divino. Somos embaixadores autorizados do Rei dos reis. Jesus Cristo, nosso grande Líder, não somente deu a ordem, mas deu o exemplo. Não temos outra opção ou escolha. Devemos *ir e evangelizar!*

1. *Christianity Today*, 28 de outubro de 1966, pág. 2.
2. *Idem*, pág. 3.
3. *Ibidem*.
4. *Idem*, pág. 32.
5. *Ibidem*.
6. *Idem*, pág. 33.
7. *Idem*, 11 de novembro de 1966, pág. 4.
8. *Idem*, pág. 7.
9. *Obreiros Evangélicos*, pág. 31.
10. *Evangelismo*, págs. 20 e 21.

O Êxito Está . . .

(Continuação da pág. 3)

ministério. Como posso deixar de ser feliz e otimista? Que outro grupo de ministros possui a segurança e o benefício de um comentário divino destinado a enfrentar qualquer emergência e situação?

Muitos não conhecem o tesouro que se en-

contra nos escritos de Ellen G. White, a mensageira do Senhor, ou têm apenas uma vaga idéia a êsse respeito. Convido-vos e insto convosco para que reaviveis o interesse de ler e estudar, percebendo assim outra vez a maravilhosa dádiva com que deparamos nestes preciosos volumes.



Trabalhando com Comissões e Grupos

CARLOS M. MELLOR

Ministro em Sta. Helena, Califórnia



O MINISTRO bem sucedido deve aprender a trabalhar com pessoas. Cada congregação é formada por muitos indivíduos, e consolidá-los numa organização ativa é uma tarefa importante. Era de esperar que houvesse muitos líderes na maioria das congregações; mas os líderes são raros. Diz

uma fonte autorizada: "Menos de cinco por cento das pessoas são líderes."

Há essencialmente três espécies de líderes. Existe o *tipo anárquico*, que compreende toda pessoa que faz o que bem entende. Há alguns ministros que labutam nesta base. Não possuem qualquer programa, e o que é efetuado nas reuniões depende dos membros. Disse alguém com acerto: "É uma ilusão supor que grupos entregues a si mesmos sempre desenvolverão uma atmosfera democrática. É mais provável que resulte o caos e não a dominação autocrática."

Temos então o *tipo autocrático* de liderança, que representa todo aquele que faz o que deseja o presidente e admite que poucos foram destinados para dirigir. Alguns ministros trabalham desta maneira.

Finalmente, existe o *tipo democrático* de liderança. Baseia-se na suposição de que se um grupo fôr inteirado de todos os fatos e tiver a oportunidade de debater os assuntos, poderá formar sólidas conclusões. Tal espécie de liderança oferece ensejo a considerações livres, sob a direção de sua própria escolha.

Funções Primordiais do Pastor-Administrador

Quais são as funções primordiais do pastor-administrador?

1. Ele deve *determinar o plano de ação*. Isto significa que o ministro eficiente deve ter uma base educacional para entender o funcionamento total da igreja. Precisa ter conhecimento das diretrizes de nossa denominação e como elas se aplicam à igreja local. Muitas vezes os anciãos locais sabem mais a respeito da administração da igreja local do que o jovem obreiro. O ministro que preside a comissão da igreja ajuda realmente a determinar o plano de ação. Deve saber portanto o que se passa na igreja e o que ele pretende alcançar.

2. O ministro deve *supervisar*. Ele é responsável pelo bom funcionamento da igreja. É o principal dirigente da congregação, e compete-lhe fazer com que todos os departamentos funcionem devidamente. Isto indica que ele tem de estar bem desperto e tomar interesse em todos os aspectos da igreja.

3. O pastor deve *delegar autoridade e responsabilidade*. Alguns ministros procuram dirigir toda a igreja. Tais pessoas incorrem em prostração nervosa ou fracasso! Quão atilado é o conselho do apóstolo Pedro: "Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por contrangidos, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho." I S. Ped. 5:2 e 3. Escolhei pessoas que ampliem vosso programa. Dai-lhes autoridade para atuar. Um dos erros crassos de muitos ministros é deixar de apoiar seus auxiliares. Declarou Henrique Kaiser, dirigente de um império industrial: "Raramente conseguireis realizar muita coisa sôzinhos. Precisais obter a ajuda de outros. Progrido cercando-me de pessoas que são mais hábeis do que eu, e ouvindo-as. E admito que todo indivíduo é mais hábil do que

cu nalguma coisa." Isto constitui verdadeira liderança!

4. O pastor-administrador *coordena* o programa total da igreja. Cada departamento terá a tendência de pensar apenas em suas próprias necessidades imediatas e olvidar a função da igreja como um todo. É dever do ministro coordenar esses diversos departamentos para que haja harmonia na igreja toda. Sem esta coordenação apropriada poderão surgir certas divergências entre os departamentos.

5. O pastor deve *adestrar outros para a liderança*. O ministro que é previdente desenvolverá constantemente outras pessoas na liderança. A tendência em muitas igrejas é fazer a liderança circular em torno de um pequeno grupo ou facção. Isto não é bom para a direção futura da igreja. É imperioso estar à espreita de pessoas que se converterão em futuros líderes.

Uma autoridade no setor da dinâmica de grupo afirma que os "três pontos essenciais que sobressaem na boa liderança são os seguintes: (1) Conhecer os membros; (2) Formar excelentes relações de trabalho; e (3) Saber o que se quer alcançar." O ministro que não tem um programa não é digno de seu salário.

Por que Alguns Grupos Não Obtêm Bons Resultados

Muitos grupos de igreja deixam de atingir resultados desejáveis, por diversas razões. Nem todos esses motivos de fracassos se encontram no mesmo grupo, mas um ou dois são suficientes para neutralizar alvos eficazes.

1. *Confusão ou falta de compreensão dos objetivos do grupo*. Isto é verdade a respeito de muitas comissões de igreja. Seus objetivos parecem ser muito nebulosos. Um dos primeiros deveres de qualquer grupo é definir a razão de sua existência. Uma pergunta relevante é: "Com que finalidade estamos aqui?"

2. *Falta de liderança competente*. Se o dirigente é deficiente, até os melhores membros poderão ficar desorientados em suas considerações. Por isso, antes de alguém ser escolhido como dirigente de algum grupo, deve-se analisar bem os seus predicados.

3. *Organização insuficiente e rotina*. É este um fator que muitas vezes destrói a eficiência do grupo. O meio-térmo ou a atitude situada entre a falta de organização e a organização excessiva, é o melhor.

4. *Atitude rotineira*. A idéia de não querer alterar velhos métodos tem diminuído a eficiência de muitos grupos. Os grupos de igreja têm a tendência de ser conservadores e indig-nar-se com novos métodos e idéias. Tal atitude

de impede muito progresso que poderia haver na causa de Cristo.

5. *Facções, subgrupos e a falta de afabilidade do grupo*. Ao examinar as formas administrativas de muitas igrejas, verifica-se que uma pequena facção dirige a igreja e regula a marcha. O ministro encontrará dificuldade em introduzir novos oficiais que não estejam integrados no subgrupo. Esta não é uma boa situação, e dissolvê-la exige bastante tato e habilidade. Às vezes um pequeno subgrupo resolve em grande parte as coisas por telefone, antes de se reunir a comissão. Conseqüentemente, certos membros não são incluídos nas deliberações gerais. Isto sempre é desastroso e restringe as boas relações de trabalho.

6. *O motivo egoísta: Que poderei obter disto?* Semelhante atitude comumente é destrutiva. A prosperidade geral da igreja e da causa de Cristo deve ser suprema! Às vezes encontrareis pessoas que têm prazer em fazer parte da comissão de nomeações, a fim de não serem designadas para alguma responsabilidade importante.

7. *O grupo não é formado pela correta combinação de pessoas*. Uma das lições que o pastor-administrador logo aprende é que nem todas as pessoas são bons elementos para juntas e comissões. Basta um ou dois indivíduos-problema para destruir a eficiência do grupo. Quão importante que seja dada cuidadosa reflexão prévia à questão de quem deve fazer parte das juntas e comissões de igreja!

O Procedimento na Solução de Problemas

Consideremos agora algumas sugestões simples e positivas no tocante à solução de problemas por parte duma comissão ou junta. Estas regras foram postas à prova por muitos grupos, e se mostraram eficazes.

1. O problema deve ser formulado com cuidado e clareza, para que cada membro do grupo possa compreendê-lo. É bom escrevê-lo no quadro-negro ou distribuí-lo em forma mimeografada. Esclarecei-o, para que não haja equívoco quanto ao que estiver sendo apresentado. Se o problema for mal-interpretado, quantidade alguma de deliberação conduzirá o grupo ao acôrdo desejado.

2. O problema deve ser analisado e observado sob todos os aspectos. É mister conhecer tanto os prós como os contras. Convém refletir muito sobre o problema. Para conhecer devidamente todos os fatos, deve-se fazer alguma pesquisa de antemão.

3. Depois de serem coligidos os fatos, o problema tem de ser debatido e avaliado, e deve-se tomar uma decisão. É imperioso que cada pessoa do grupo sintam-se livre para debater o pro-

O Diabo e a Correção Gramatical

UM domingo qualquer Satanás escalou um diabo importante das suas hostes, especialmente para fiscalizar e corrigir os erros gramaticais de um pastor que pregava. A igreja era a mais importante da cidade, porquanto a ela só compareciam as figuras mais destacadas da sociedade local. Consta também que o diabo escalado era um filólogo emérito, grande conhecedor da língua, e sua missão não era das mais fáceis.

Ao chegar ao templo, o diabo, embora com um pouco de receio, entrou desembaraçadamente. Assentou-se no melhor lugar do auditório, tendo escolhido exatamente a proximidade de um visitante que, como êle, nunca havia entrado no recinto de uma igreja. Ambos, então, começaram a conversar. Ao visitante, parecia que a voz ao seu lado era a dos seus próprios pensamentos. Imediatamente o pastor começou a pregar. Iniciou mais ou menos assim:

"Meus ouvintes, vossa presença é uma satisfação. Espero que cada um de vós *esteje* alegre por estar aqui."

— A forma verbal correta é *esteja*, e não *esteje*, cochichou o diabo aos ouvidos do visitante.

"*Aonde* estás, alma perdida?" Perguntou o pregador.

O diabo segredou mais uma vez: — *Aonde* usa-se para movimento, em direção a algum lugar. A forma correta é *onde*, usada para a permanência em algum lugar.

— É verdade, concordou o visitante.

Mas o sermão continuava: "*Tem* gente que não se salva, porque não quer!"

— Olha o disparate! gritou o diabo. O verbo *ter* não é usado nunca no significado de *existir*. "*Há* gente que não se salva porque não quer." Mas, que estou dizendo? Isto é uma verdade, e verdade nunca havia saído da minha bôca. A preocupação gramatical às vezes prejudica até a minha falta de fé!

Naquele dia o diabo estava inspirado. Criticou os cacófatos, os pleonasmos... Também um dos erros que não lhe escaparam foi o da concordância do sujeito com o verbo. Expressões como *tu sois* e *tu sereis* foram muito criticadas. Um dos campos mais fecundos para a sua crítica foi o uso do *imperativo negativo*. Em certas horas o pobre orador dizia:

"*Não sêde* recalcitrantes!"

— Esta não! disse o diabo; êste homem é ignorante em materia de concordância. *Não sejais*, é a forma correta!

Assim, de tal maneira o diabo cochichou aos ouvidos do pobre visitante, que êste nem ficou até ao fim do culto: irritado com os cochichos, e ferido em seus brios gramaticais, retirou-se do recinto.

Pobre pastor! Não se pode afirmar que tivesse sido êle o culpado. Mas se soubesse que o diabo ia usar de gramática para retirar do templo uma pessoa que ali fôra pela primeira vez, creio que êle estudaria melhor a língua, para não incorrer nos erros graves, corrigidos aos ouvidos do visitante.— Silas dos Santos em *Juventude Batista*, apud *O Presbiteriano Conservador*, set. de 1961.

blema sem a idéia de que êle ou ela contará com a desaprovação do presidente ou ministro. O presidente deve conservar a atenção de todos no assunto, a fim de obter uma decisão. É tão fácil escapar pela tangente! Ou poderá haver um ou dois que monopolizam tôda a discussão.

Como Dirigir Uma Reunião de Negócios

A maioria dos membros de igreja não apreciam ou reconhecem a necessidade de assistir às assembléias ou reuniões de negócios da igreja. Por qualquer razão não julgam importantes essas reuniões, e procuram portanto apresentar evasivas para sua ausência. Se fôr êste o caso, nós que somos responsáveis pelo funcio-

namento da igreja deveríamos fazer verdadeira introspecção. A falta poderá estar conosco.

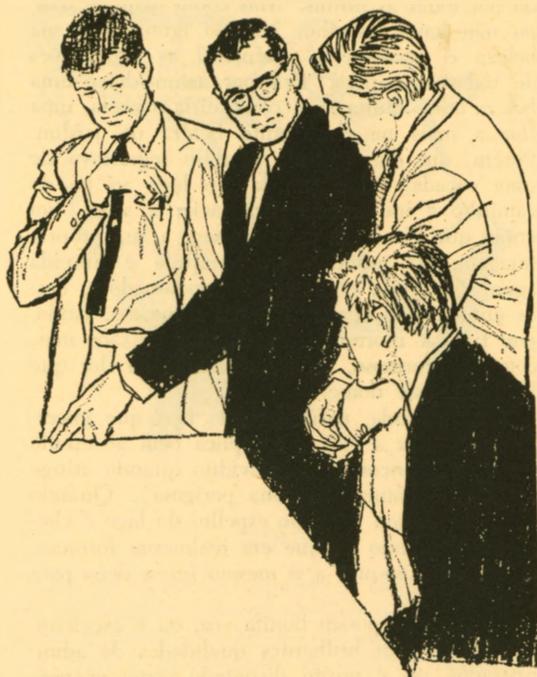
Avisar as pessoas envolvidas é uma imposição! Ao ser convocada uma reunião da comissão da igreja, emitimos um anúncio mimeografado do local e hora da reunião. Também é incluída uma agenda dos itens a serem considerados e os dados financeiros referentes ao mês em curso. Alguns ministros também incluem as atas da reunião anterior. Em comissões pequenas, é bom ter papel timbrado, fino. Usando papel carbono, podem-se tirar várias cópias da mesma carta e enviá-las a todos os membros da comissão.

(Continua na pág. 14)

Zona Perigosa

ORLANDO G. DE PINHO

Secretário-Ecônomo da Associação Paulista



CHAMA-SE de “zona perigosa” a certo perímetro que, por qualquer razão, expõe a riscos quem nêlo penetre. É diferente de “zona interdita,” que significa proibição, em geral temporária, e se baseia em fatos ou razões de ordem pessoal ou coletiva.

A “zona perigosa” não é vedada à movimentação habitual, embora exponha os que nela penetrem a possíveis riscos. Logo, como decorrência disto, é lógico que ao chegar-se aos limites dessa zona ter-se-á que tomar os devidos cuidados e precauções que o caso exija, para que nada de anormal ocorra ou, então, para saber como enfrentar o que sobrevenha. Nessa zona o perigo está por assim dizer à espreita, esperando um momento de descuido, um cochilo qualquer, para entrar em ação.

Ao atravessar tais zonas de perigo muitos o fizeram sem novidade alguma; outros, tiveram que lutar para sobreviver; outros, ainda, pereceram no caminho; e um bom número retrocedeu, amedrontado. Naturalmente, isto se tem dado em zonas de perigo real, e o citá-lo é apenas para estabelecer um paralelo com outra “zona,” topológica mas tão real como a outra, pelas circunstâncias envolventes e analógicas. É a “Zona da Fama.”

Mitológicamente, a fama é representada por uma mulher tocando uma trombeta, o que não deixa de ser uma alegoria expressiva, pois a

mulher sempre exerce atração e a trombeta faz alarde. A fama provém de conceito adquirido, que se tornou notório, adquiriu publicidade, fêz-se notícia. Um modesto operário pode adquirir fama entre os seus colegas por sua habilidade profissional; mas pode também tê-la por seu espírito alegre, brincalhão, contador de piadas e anedotas. Mas a “zona perigosa” a que aludimos é certo período de vivência do indivíduo a que podíamos denominar de estado de suficiência.

Crescer, ser alguma coisa na vida, destacar-se, são anseios normais inatos no indivíduo culto, e é óbvio que pessoas assim procurem instruíse cada vez mais e melhor, tendo por alvo uma posição destacada, o alvejado ponto de realização. Galgados êstes degraus, que são, inegavelmente, duros e difíceis, se há chegado ao tópo da montanha, de onde melhor se podem ver as coisas e olhar o que está “lá embaixo,” inclusive outras pessoas, semelhantes nossos. Então, o problema que se apresenta agora não é mais o de “subir,” mas o de manter-se nas “alturas.” É muito humano o desejo de continuar sendo notícia; alguns por vaidade ou por imposição do orgulho; outros, por se julgarem com direitos adquiridos. Então, o que se faz ou se pensa fazer para manter o nome (a fama adquirida), é que condiciona um estado de ânimo que se transforma em “zona perigosa.”

Narciso é o nome de uma divindade mitológica cuja estória o descreve de aspecto muito formoso e que, por isso, era grandemente ama-

do por tôdas as ninfas. Mas como naquele tempo não havia espelho, Narciso ignorava a sua beleza e permanecia insensível às solicitações de tôdas as ninfas. Era por assim dizer uma beleza entre muitas, ou, como diria o poeta, uma flor a mais na exuberante beleza do jardim. Porém, um dia, quando Narciso regressava de uma caçada, foi a um sereno lago ao pé do caminho e inclinou-se para saciar a sede. Foi então que viu, pela primeira vez, a sua própria imagem, ali refletida na tranqüila e límpida água. Surpreso, ergueu-se impressionado e, desde então, ficou apaixonado por si mesmo, vindo, por fim, a morrer dessa doentia paixão; mas, como era formoso, foi transformado na flor que hoje tem esse nome.

É uma lenda, naturalmente, mas que encerra lições para a vida e se aplica bem ao estado em que se encontra o indivíduo quando atinge a "zona da fama" (a zona perigosa). Quando Narciso viu seu rosto no espelho do lago e chegou à conclusão de que era realmente formoso, o "eu" se ufanou e a si mesmo fêz-se deus para uso próprio.

Aquêle que possui bonita voz, ou é excelente orador, ou tem brilhantes qualidades de administrador, ou é muito disputado como evangelista de sucessos, bom será que não se olhe no "espelho" como o fêz Narciso, mas continue, com humildade e simplicidade, a ser o que sempre foi "na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza," seguindo "a justiça, a piedade, o amor, a paciência, a mansidão."

Posição ou qualificação que se há alcançado não são direitos adquiridos insuplantáveis; e não devem ser mantidos à custa de impulsos da vaidade ou de solicitação do orgulho, com reflexos, é claro, sobre os que nos rodeiam ou são mais achegados, e que podem ser atingidos e

vitimados pela preocupação que se tenha de continuar sendo o que outros dizem (ou disseram) que se é. A mitologia conferiu a Narciso a ventura de ser transformado em bela flor, mas na vida real muitos "narcisos" tiveram mutação menos poética e nada odorífica.

Há perigo nas apreciações elogiosas que outros façam de nós. Podem despertar no ser interior esse terrível vírus chamado egotismo, que enfatua a alma e insensibiliza a personalidade. Produz "vertigem das alturas" e ocasiona desastrosa queda. A vida é uma sucessão de fatos, com a conseqüente e lógica renovação de valores materiais e humanos. O campeão de ontem pode ser o simples espectador das conquistas do campeão de hoje. Ser suplantado ou perder liderança é uma bala que tem apenas e exclusivamente um alvo: ataca mortalmente o sentido egotista.

A maior virtude ou glória de quem se julga sábio ou mestre é formar discípulos que o substituam à altura e que o dignifiquem, suplantando-o quiçá.

"Mas na obra de Deus não deve haver exaltação própria. Por mais que saibamos, por maiores que sejam nossos dotes mentais, nenhum de nós se pode jactar, pois o que possuímos é apenas um dom confiado, que nos é emprestado por experiência. O fiel aperfeiçoamento desses dotes, decide nosso destino para a eternidade; nada mais temos de que exaltar o eu ou elevarnos, pois o que temos não é nosso." — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 377.

Quão apropriadas são estas palavras da oração de Agur, ilustre desconhecido citado no capítulo 30 de Provérbios: "Afasta de mim a vaidade e a palavra mentirosa; não me dês nem a pobreza nem a riqueza: mantém-me do pão da minha porção acostumada!"

Trabalhando com . . .

(Continuação da pág. 12)

É impreterível que a agenda seja cuidadosamente preparada com antecedência. Convém que os membros recebam de antemão uma cópia des a agenda. O pastor ou presidente deve refletir cuidadosamente sobre cada ponto da agenda, para certificar-se de que o grupo está inteirado de todos os fatos.

Causa preocupação a muitos pastôres-administradores o problema de introduzir assuntos completamente novos sem que tenham sido ajustados com o presidente, antes da reunião. Cumpre lembrar que deliberações livres e francas não querem dizer uma mixórdia de assuntos desconexos. Este costume deve ser desaconselhado. A introdução de tais itens pode dificultar as de-

liberações, pois assim os membros do grupo não podem colhêr dados e informações.

Ao administrar a igreja, nunca deve o ministro permitir que a premência do projeto desprestigie o que ocorre com os indivíduos. Nossa tentativa de aproximação deve centralizar-se em Deus e estar voltada para as pessoas. Elas e suas necessidades constituem a "matéria-prima da administração da igreja."

Durante a última guerra mundial, a Comissão de Potencial Humano sugeriu quatro princípios fundamentais de boas relações humanas: (1) Tornar os obreiros cientes do progresso que realizam. (2) Dar honra ao mérito. (3) Comunicar com antecedência às pessoas as alterações que lhes dizem respeito. (4) Fazer o melhor uso possível das aptidões de cada pessoa. Que conselho excelente para o pastor-administrador!

Êxito Batismal

ALCIDES C. RODRIGUES

Evangelista da Associação Nordeste

PARA que o batismo alcance seu objetivo, é preciso que se observem muitos e importantes fatores.

Quando João batizava, não havia batistérios senão os oferecidos pela Natureza. Por exemplo: O Rio Jordão, Enom etc. Acredito que o apóstolo João procurasse o melhor local, também de fácil acesso aos espectadores, a fim de que tudo glorificasse a Deus. Havia fatores a serem observados, tais como: correnteza, profundidade, se as águas eram limpas ou contaminadas etc.

Hoje temos templos cujos batistérios devem ser um local atraente, para louvor e engrandecimento do nome de Deus!

O batismo é o ato emocionante de uma pessoa que deixou o mundo para dedicar-se ao Senhor Jesus. Não quer isto dizer que após o batismo a pessoa não mais enfrentará lances difíceis na existência; aliás, agora é que os enfrentará; porém aquele momento de descer às águas é-lhe o instante de grande vitória, pois há ali contrição, desejo ardente de união com seu Salvador.

Para sua segurança futura, deve-se dar o maior esmero à execução da cerimônia. Naquele momento a mente do batizando age qual fita magnética, gravando todo o desenrolar do programa.

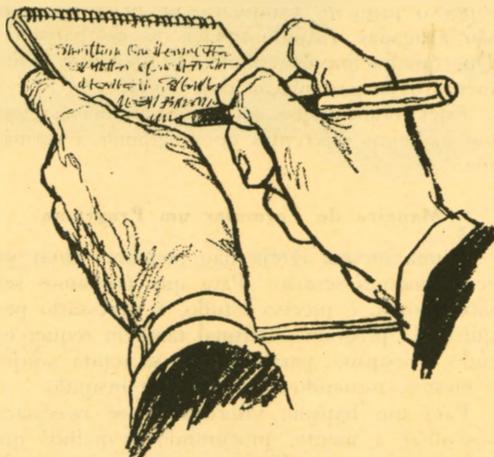
É portanto necessário que haja muita dedicação na preparação da cerimônia, começando pelo sermão, os hinos cantados, as palavras dirigidas pelo oficiante ao batizando no batistério etc.

O batismo não é qualquer coisa para ser feito à revelia; deve ser um programa planejado e estudado, não arranjado na última hora.

Há pequenos detalhes importantíssimos e que na maioria das vezes são esquecidos.

Atentemos para alguns:

MARÇO-ABRIL, 1968



I — ROUPA

Oh! que descalbro quando os candidatos não são previamente advertidos! Colocam roupa externa transparente, quando as internas são de côr. Tive a oportunidade de observar batismos em que os candidatos se apresentavam com roupas brancas, azuis e cinzentos, verdadeiro carnaval! Cuidado para que isto não aconteça em vossa igreja, pois tira a seriedade do momento.

É preciso também advertir ao candidato que sob o roupão êle deve usar vestimenta completa. Isso evita que algum candidato inexperiente vá tão-somente com a bata; se esta for branca e fina, a cena será desagradável, piorando se o candidato é pessoa de côr.

II — AO IMERGIR O CANDIDATO

Assisti a alguns batismos em que faltava alguma coisa que eu chamaria de "lubrificação," pois tudo parecia tão sêco, especialmente no que tange às palavras dirigidas no momento em que o candidato se encontrava nas águas. Apenas e sêcamente a frase: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu te batizo, amém!" Ela deve ser proferida; porém, antes de fazê-lo, por que não dizer algumas palavras de incentivo ao batizando e aos presentes, referindo-se à experiência vitoriosa do que ora se batiza? Não, não é um discurso! Deve levar no máximo de meio minuto a um minuto. Experimentai-o, e vereis que vale a pena.

III — ILUMINAÇÃO

Todo batistério deve ser iluminado de maneira que impressione, havendo lâmpadas fluorescentes, azuis, verdes ou de outra côr que combine com as tonalidades das côres do painel que enfeita a pia batismal. Quando se apre-

PÁGINA 15

senta o primeiro candidato, as luzes do salão são apagadas, ficando apenas as do batistério. Que quadro impressionante! Isto soleniza o momento e toca o coração dos assistentes.

Estes foram pontos gerais; entraremos a seguir em maneiras diferentes de programar a cerimônia.

Maneira de Formular um Programa

Numa mesma igreja não pregamos duas vezes o mesmo sermão. Para que tenhamos sermões novos, é preciso estudo, é necessário pesquisa. O programa batismal também requer estudo e pesquisa, para que não se repita sempre o mesmo, tornando-o monótono e insípido.

Para um batismo vitorioso faz-se necessário vasculhar a mente, procurando a melhor maneira de louvar a Deus e atrair os pecadores!

Ponderemos sobre a maneira e programação do batismo:

I — COM SLIDES

Enquanto o candidato desce às águas, projetam-se na tela *slides* sobre o batismo: lindos prados, chapinhas sobre o Céu etc. Alia-se assim a teoria à prática.

II — COM SLIDES DE HINOS

Usam-se neste sistema chapinhas de hinos, cantados pelo auditório enquanto o candidato entra e sai. Enquanto o oficiante dirige algumas palavras antes de imergir o batizando, projeta-se um *slide* que corresponda à experiência da pessoa que se batiza. Por exemplo: Se é uma senhora cujo nome seja Maria, o quadro deve mostrar Maria aos pés de Jesus. Se é um juvenil, convém projetar um quadro que apresente Jesus dirigindo uma criança etc.

Para isto o oficiante tem de saber previamente os nomes e idades dos batizando, classificando cada chapinha antecipadamente.

Cada um use a massa cinzenta e aplique o método da maneira mais correta possível.

III — INTERCALANDO NÚMEROS MUSICAIS

Escolhem-se com muita antecedência quartetos, bons solos, apresentações de violino, coral ou órgão, e antes da primeira pessoa descer ao

batistério, apresenta-se um quarteto; o candidato desce às águas enquanto o quarteto canta; novo candidato, novo número, solo ou coral, ou mesmo uma peça ao violino, e assim consecutivamente.

Isto dá um cunho altamente solene e apelativo. No instante em que o pastor se prepara para imergir a pessoa e estiver sendo apresentado um número especial, serão tomadas muitas decisões.

Cumpra notar que este método só se aplica a batismos onde os candidatos não excedam a dez.

IV — TEXTOS BÍBLICOS

Escolhem-se trechos impressionantes da Bíblia, em especial os que se referiram à experiência do batizando. Se ele sofreu perseguição da família, pode-se ler o texto que diz: "Ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos . . . por amor de Mim e do evangelho, que não receba cem vezes tanto." S. Mar. 10:29 e 30.

É claro que numa ocasião assim ninguém vai ler o Salmo 119 ou I Tess. 5:17. Nem lá nem cá. Devem ser lidos alguns trechos breves do Livro Sagrado, que sejam como pérolas.

Há muitas outras maneiras atraentes e ordeiras de se programar um abençoado batismo; demos apenas ligeiras pinceladas.

Cada pastor, pondo a mente a funcionar, descobrirá métodos valiosos.

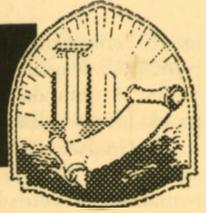
Temos aprendido de nossos líderes algumas formas de programação para o batismo, que postas em prática deram ótimos resultados.

Quando estudava no nosso Ginásio de Campinas, aprendi de um velho mestre a história de "Entregar a Mensagem a Garcia." Bem se aplica a nós. Eles, os líderes, nos dão as diretrizes gerais; importa que acatemos suas diretivas e, sem fugir aos princípios, criemos novas idéias, desincumbindo-nos a contento de levar a mensagem a Garcia.

Se tudo fôr feito com ordem desde o início do programa, será uma arma forte, conduzindo o ouvinte a uma séria decisão no apêlo final. Esse apêlo não deve faltar em hipótese alguma; há almas que aguardam êsse momento. Fazei pois um veemente e profundo apêlo, e vereis que muitas almas se decidirão ao lado de Cristo para não mais abandoná-Lo.

O SOM DE LOUVOR

Antiga lenda hebraica declara que depois de haver criado o mundo, Deus chamou os anjos e perguntou-lhes o que pensavam a respeito. Disse um deles: "Falta alguma coisa: o som de louvor ao Criador." De modo que Deus criou a música, e ela se fez ouvir no sussurro do vento e no gorjeio das aves. O homem também obteve o dom do canto, e através dos séculos êste dom do canto tem sido realmente uma bênção para milhões de almas. — *World Religious News*.



Daniel 8:14 e a Purificação do Santuário - IV

W. E. READ



NOS três artigos anteriores consideramos a palavra hebraica *tsadaq* e as razões por que foi traduzida por "purificado" na Versão dos Setenta e em diversas traduções em outras línguas. Admitimos de bom grado que êsse vocábulo hebraico possui uma significação muito mais ampla, e neste

artigo pretendemos sugerir por que o autor sagrado, escrevendo sob inspiração, usou a palavra *tsadaq*, e não *taher* ou *zakah* que inquestionavelmente significam "limpar" ou "purificar."

Todo aquê que aceita a Bíblia como a Palavra de Deus e atribui autoridade divina a seus conselhos, reconhecerá prontamente que antes da rebelião de Satanás o universo era impoluto, sem qualquer mancha de iniquidade. O que proveio da mão criadora do Altíssimo estava inevitavelmente livre da contaminação do mal. Não poderia ter sido diferente: reconhecemos que o único Deus verdadeiro é um Deus de justiça e verdade.

Portanto, deduz-se naturalmente que embora o pecado tenha penetrado no belo domínio de Deus, êle não poderia absolutamente ser eterno ou deixar uma mancha indelével e permanente na obra do Senhor Jeová. É aí que entra em cena a tarefa redentora de Cristo Jesus. Em virtude disso, é-nos assegurado que não somente os pecadores podem ser redimidos, mas também a própria Terra, visto que ela incorreu igualmente na maldição do pecado. Notamos pois o seguinte nas Escrituras:

"Cristo nos resgatou" (Gál. 3:13), como "po-vo adquirido" (I S. Ped. 2:9). A Terra também é resgatada ou redimida. Ela também foi adquirida. Isto é salientado no trecho que segue:

"Não somente o homem mas também a Terra tinha pelo pecado vindo sob o poder do maligno, e deveria ser restaurada pelo plano da redenção. . . . Cristo, porém, pagando pelo Seu

sacrifício a pena do pecado, não somente remiria o homem mas restabeleceria o domínio que êle perdera." — *Patriarcas e Profetas*, (2.^a ed.), pág. 62.

Tudo isso é vislumbrado em Daniel 8:14, na palavra hebraica *tsadaq*. É o que veremos a seguir:

1. O Fator Tempo Envolvido na Purificação do Santuário

A maioria dos comentaristas bíblicos aplicam Daniel 8:14 ao período de Antíoco e dos Macabeus (175-164 A. C.). Para fazê-lo, êles rejeitam o princípio de que na profecia um dia equivale a um ano, e de maneira bastante vaga dão a entender que os 2.300 dias dizem respeito a um número idêntico de sacrifícios vespertinos e matutinos, que equivalem a 1.150 dias. Mas êsse cômputo não é apropriado, pois ninguém conseguiu elaborar qualquer esquema em que isso se adapte exatamente.

Consideremos agora a profecia em si e vejamos se existe qualquer fundamento real para semelhante aplicação. Deparamos ali com uma sucessão profética que começa com o símbolo de um "carneiro." Em seguida aparece um "bode," e então surge a "ponta pequena." É evidente que no capítulo 8 tudo isso são símbolos, pois o anjo Gabriel menciona o significado que encerram.

O "carneiro" representa a Média e Pérsia (verso 20). O "bode," a Grécia (verso 21). A "ponta pequena" não é interpretada em Daniel 8, evidentemente por já ter sido explicada antes.

As visões de Daniel 2 e 7 são análogas. Representam os mesmos podêres. Isto indica que o terceiro simbolismo em Daniel 8 representa Roma. Ademais, foi Roma que se levantou contra o "Príncipe dos príncipes" (verso 25), e é sob êsse poder que se faz menção da purificação do santuário. Se colocarmos os eventos dessa profecia em ordem cronológica, é óbvio que a "purificação do santuário" só pode cumprir-se após a obra do Messias, descrita pormenorizada-

mente em Daniel 9:24-27. O "Príncipe dos príncipes" é o "Príncipe do exército" de Daniel 8:11. A obra da purificação do santuário é colocada depois disso.

No final da visão de Daniel 8, o anjo Gabriel assegura ao profeta que "a visão . . . das tardes e manhãs é verdadeira; mas conserva-a em segredo, porque se refere ao futuro distante" (versículo 26 — versão inglesa de Goodspeed). Esta expressão significa "o tempo do fim" (versículo 17). Por conseguinte, é inútil procurar o cumprimento do versículo 14 durante o período dos Macabeus ou outro período qualquer antes do "tempo do fim." Tanto quanto saibamos, o próprio Daniel não compreendeu esta parte da profecia. O que êle e seu povo entenderam naquele tempo foi o período dos 490 anos. Lemos:

"Ao prosseguir a oração de Daniel, o anjo Gabriel vem voando das côrtes celestiais. . . Este poderoso anjo é comissionado para . . . abrir perante êle os mistérios dos séculos futuros. . . Daniel recebeu não somente a luz e a verdade de que êle e seu povo mais precisavam, mas uma visão dos grandes eventos do futuro, mesmo até ao advento do Redentor do mundo." — *A Santificação*, págs. 53 e 54. (Grifo nosso.)

Se, portanto, estiver correta esta avaliação do tempo, não devemos esperar o cumprimento da expressão "e o santuário será purificado" antes de percorrermos os séculos até chegar ao que o Senhor denomina "tempo do fim." Ao aceitar isto, temos de reconhecer que nesse tempo (1798 A. D.) não havia santuário na Terra; por conseguinte, faz-se obviamente referência ao santuário no Céu.

2. Existe um Santuário Real no Céu dos Céus

A Palavra de Deus aponta claramente para um "santuário" ou "templo" no Céu. Notai:

a. *O Testemunho do Novo Testamento.* Lemos em Hebreus 8:2 que Jesus é "Ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem."

Declara Hebreus 9:23 e 24: "Era necessário . . . que as figuras das coisas que se acham nos Céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios a êles superiores. Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém, no mesmo Céu."

Como confirmação disto, o profeta João descreve o que viu no tocante à região celestial. Êle contemplou:

O templo¹ (Apoc. 11:19); o altar¹ (cap. 8:3); a arca da aliança (cap. 11:19); o castiçal (cap. 4:5); o incensário (cap. 8:3); e os ângulos do altar (cap. 9:13).

b. *O Testemunho do Antigo Testamento.* O tabernáculo no deserto, e mais tarde o Templo, foram feitos "segundo o modelo" (Êxo. 25:8 e 40; I Crôn. 28:11 e 12). Alguns têm imaginado ser isto apenas uma espécie de projeto ou planta. Com certeza era mais do que isso, pois algumas traduções chamam-no de "cópia" (Heb. 8:5 — *The New English Bible*); "modelo" (Êxo. 25:40). Lemos também que Davi compreendeu que o verdadeiro santuário de Deus estava no Céu, embora Israel tivesse um glorioso templo em Jerusalém.

"O Senhor do alto do Seu santuário, desde os Céus, baixou vistas à Terra." Sal. 102:19.

Citamos o seguinte da pena de Ellen G. White:

"Deus expôs perante Moisés . . . um aspecto do santuário celestial." — *Patriarcas e Profetas*, (2.^a ed.), pág. 355.

"Tinha sido feito um santuário muito suntuoso, conforme o modelo mostrado a Moisés no monte. . . O santuário terrestre foi formado à semelhança do celestial." — *Spiritual Gifts*, Vol. 4a, pág. 113.

"O santuário no Céu . . . é o grande original de que o santuário construído por Moisés era uma cópia." — *The Story of Redemption*, pág. 377.

c. *O Santuário Celeste é um Santuário Real.* Em Hebreus 8:1 e 2 está escrito que Jesus ministra em nosso favor no templo celestial. Por que duvidar da realidade desse santuário? Aca-so nosso bendito Senhor, que é Sumo Sacerdote ali, não é o mesmo Jesus que viveu aqui na Terra? Mesmo em Seu corpo ressuscitado Êle era real; podia ser apalpado (S. Luc. 24:39). Por que o santuário também não seria real? Muitas traduções modernas salientam isso. A *Interpreter's Bible* traz a palavra "real" em Hebreus 8:2; as versões de Wicliffe e Tindale, e a Bíblia de Genebra, fazem alusão ao "tabernáculo genuíno" (Heb. 8:2).

O vocábulo hebraico que amiúde é usado com referência ao santuário terrestre, é *miqdash*, mas a palavra usada para o santuário celestial, no Antigo Testamento, é *qodesh* (Sal. 102:19). Também é usada para descrever o santuário terrestre, mas foi traduzida por "santo" mais de 200 vezes, e por "santuário" umas 70 vezes. *Qodesh* é o termo usado para "santuário" em Daniel 8:14.

3. O que o Santuário Terrestre Prefigurava no Tocante ao Ministério de Jesus?

Todo o ritual do santuário terrestre prefigurava a obra de Cristo, o Senhor, como sacerdote e vítima. Jesus derramou Seu precioso sangue no Calvário; ministra a eficácia desse sangue no templo do Céu. No serviço típico nós O contemplamos como o antítipo dos sacrifícios

da tarde e da manhã. Divisamos-nO também na oferta sacrificial trazida pelo pecador, que humildemente confessava seus pecados e buscava o perdão do Senhor. Esse ciclo de cerimônias prosseguia dia após dia, mas o ritual todo atingia seu ponto culminante no Dia da Expição. Este serviço é delineado pormenorizadamente em Levítico 16, e é em conexão com a obra desse importantíssimo dia que ocorre a purificação do santuário. Convém lembrar que esse serviço especial é imprescindível para a devida compreensão do alcance e significado do ato redentor de Deus. Indica muito mais do que o próprio ato sacrificial de Cristo na cruz do Calvário; aponta para o tempo em que serão apagados todos os pecados perdoados, em que irão para a perdição o autor do mal e todos os que preferiram participar de sua rebelião, e em que não existirá mais pecado e sofrimento.

Examinemos o ritual desse dia e observemos a seqüência dos acontecimentos. Lemos em Levítico 16 que depois de haver realizado o que era necessário para sua própria purificação e a de sua família, o sumo sacerdote devia —

a. Tomar dois bodes para a oferta pelo pecado (vers. 5).

b. Lançar sortes: uma para o Senhor e a outra para Azazel (ver. 8 — Versão Brasileira).

c. Trazer o bode “sobre o qual cair a sorte para o Senhor,” e oferecê-lo “por oferta pelo pecado” (vers. 9).

d. Tomar o bode sobre o qual caíra a sorte para Azazel, confessar sobre ele os pecados do povo de Israel e enviá-lo para o deserto (vers. 21 e 22).

Esses atos especiais transmitem importantes verdades em conexão com os eventos finais antes que o *Fiat* divino traga à existência o novo céu e a nova Terra.

Notemos:

a. As palavras “bode emissário” na *King James Version* (e também na Edição Revista e Atualizada no Brasil) não são uma tradução exata da palavra hebraica *Azazel*. Teria sido melhor conservar essa palavra em inglês (e também em português), como o fez a *Revised Standard Version* (e a Versão Brasileira).²

Diz a nota ao pé da página na tradução de Leeser: “A. V. — bode emissário; Ver. Ingl.; mas não há razão para isso.” Alguns dos antigos Pais da Igreja ensinavam a mesma coisa.³ Muitos escritores cristãos, e outros, bem como a maioria dos dicionários e enciclopédias bíblicas, definem *Azazel* como sendo Satanás.

b. Deve-se considerar *Azazel* como um ser pessoal, em oposição a Jeová. Escreve um comentarista judeu:

“Um será para o Senhor, e o outro será para *Azazel*.” Temos aí uma visível antítese; e

assim como o Senhor é um Ser pessoal, *Azazel* também o é.” — M. Kalisch, *Commentary on Leviticus*, pág. 328.⁴

c. À luz do versículo 10, deve-se inferir que *Azazel* não era uma oferta pelo pecado, segundo transparece em Levítico 16:5. É o “bode do Senhor” que é oferecido como “oferta pelo pecado.” O bode para *Azazel* não era uma oferta pelo pecado: sua parte ocorria após haver sido concluída toda a purificação do povo e do santuário. Só então o sumo sacerdote lidava com ele. Citamos outro trecho de M. Kalisch:

“Isto não significa exatamente “para a oferta pelo pecado,” pois um deles não era sacrificado. . . . [*Azazel*] não fazia expiação pelo povo.” — *Idem*, pág. 326.

d. O bode para a “oferta pelo pecado” representava a Cristo, que “morreu pelos nossos pecados” (I Cor. 15:3); o outro representava a Satanás, que perecerá por seus próprios pecados e também pela parte que desempenhou como instigador de todos os pecados cometidos pelos filhos de Deus (Apoc. 20:10 e 12).

e. A expiação feita com *Azazel* (vers. 10) deve ser interpretada como sendo feita “sobre” ele (vers. 21). Ele está fora do alcance dos benefícios de qualquer expiação efetuada no ritual de sacrifícios do santuário, e este ato no tocante a *Azazel* não tem relação alguma com a verdadeira obra de redenção.

Ela é usada no sentido de “cobertura.” Ao fazer a arca, Noé devia “calafetá-la [*kaphar*] com betume por dentro e por fora” (Gên. 6:14). Foi esta a primeira vez que se empregou a palavra *kaphar*, que noutras partes é traduzida por “expiação.” Também é empregada no sentido de expulsão ou banimento do pecador. Ver Números 25:12 e 13, onde é declarado que Finéias “teve zelo pelo seu Deus, e fez expiação pelos filhos de Israel.” Ele matou os responsáveis pela apostasia, e removeu ou eliminou assim os malfetores. Era exatamente o que se fazia no fim do ritual do Dia da Expição, quando se efetuava “expiação” com ou sobre *Azazel*. Nisto *Azazel* representa a Satanás, o autor da iniquidade, e o seu banimento final, primeiro ao deserto (A Terra em sua condição caótica durante os 1.000 anos, Apoc. 20:2), e depois disso, ao lago de fogo, onde ele será consumido (vers. 10 e 14).

f. Com referência a Satanás, da maneira como é simbolizado em Levítico 16, cumpre ter em mente que:

Não se fazia expiação alguma para *Azazel*. Seu sangue não era derramado como oferta pelo pecado. Sua parte ocorria depois que terminara a obra de redenção em favor do povo e do santuário. Os profetas de Israel previram tudo isso. Notai como eles o expressaram:

"A sua malícia lhe recaí sobre a cabeça, e sobre a própria mioleira desce a sua violência." Sal. 7:16. "O que desvia os retos para o mau caminho, êle mesmo cairá na cova que fez." Prov. 28:10. Isto significa, portanto, que quando Satanás perecer no lago de fogo, êle pagará a penalidade não só de sua própria rebelião contra o Altíssimo, mas também de sua parte em todos os pecados cometidos, mas agora perdoados, dos filhos de Deus. Escreveu Ellen G. White:

"Como o sacerdote, ao remover do santuário os pecados, confessava-os sobre a cabeça do bode emissário, semelhantemente Cristo porá todos êsses pecados sobre Satanás, o originador e instigador do pecado. . . . Satanás, levando a culpa de todos os pecados que induziu o povo de Deus a cometer, . . . sofrerá finalmente a pena completa do pecado nos fogos que destruirão todos os ímpios." — *O Conflito dos Séculos*, (nova edição revista), pág. 525.

E saiba-se que não somos os únicos a adotar êste ponto de vista. Citamos um trecho de certo autor:

"O pecado, ainda que perdoado, é detestável a Deus, e não pode permanecer em Sua presença; êle é removido para uma 'terra desabitada' . . . e remetido ao primeiro sedutor do homem. Os pecados de uma multidão de crentes são tirados dêles e restituídos a Satanás, seu principal autor e instigador." — João Eadie, na *Biblical Cyclopaedia*, pág. 577.⁵

Satanás não só será enviado ao deserto (Apoc. 20), mas perecerá, da mesma maneira que o bode para Azazel. Os escritores judeus reconhecerem ser isto o que acontecia com aquêle animal.⁶

"O bode que é lançado do precipício." — *Talmude Yoma* 64.^a, pág. 299; ver também a nota do 67.^a, pág. 312.

Êle "morrerá num lugar acidentado e áspero do deserto rochoso." — Targum de Onkelos, sobre Lev. 16:21 e 22.

4. Um Universo Sem Mácula

a. *Referências Bíblicas.* Citamos apenas algumas passagens das Escrituras que abrangem êste conceito.

"A iniquidade chegará ao fim" (Ezeq. 21:25).

"Não haverá mais . . . dor" (Apoc. 21:4).

"Nunca mais haverá maldição" (Apoc. 22:3).

Haverá "restauração de tudo" (Atos 3:21).

Haverá "novos céus e nova Terra" (Isa. 65:17; II S. Ped. 3:13; Apoc. 21:1).

b. *O Universo Será Purificado*

"A obra de Cristo para a redenção dos homens e purificação do universo da contaminação do pecado, encerrar-se-á pela remoção dos pecados do santuário celestial." — *Patriarcas e Profetas*, (2.^a ed.), pág. 371.

Uma Obra Do Coração

"Os que buscam corrigir outras pessoas, deveriam apresentar os atrativos de Jesus. Deveriam falar de Seu amor e misericórdia, apresentar o Seu exemplo e sacrifício, revelar o Seu espírito, e não precisarão sequer tocar o tema do vestuário. Não há necessidade de fazer do assunto do vestuário o ponto principal de vossa religião. Algo mais valioso há de que falar. Falai de Cristo, e quando o coração estiver convertido, tudo que não está em harmonia com a Palavra de Deus cairá. Arrancar as folhas de uma árvore viva equivale a trabalhar em vão. As folhas reaparecerão. O machado precisa ser pôsto à raiz da árvore, e então as folhas cairão para não mais volver." — *Evangelismo*, pág. 272.

"[Os filhos de Israel] tinham a mente voltada para os eventos finais do grande conflito entre Cristo e Satanás, a purificação final do universo do pecado e pecadores." — *Profetas e Reis*, págs. 684 e 685.

"*Todo o universo de Deus estava puro, e o grande conflito para sempre finalizado.*" — *Primeiros Escritos*, pág. 295.

c. *Ficarã Vindicado o Caráter de Deus*

"No juízo do universo, Deus ficará isento de culpa pela existência ou continuação do mal. . . . [Todos] se unirão em declarar: 'Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos.'" — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 58. (Ver também *O Conflito dos Séculos*, pág. 544; *Patriarcas e Profetas*, pág. 350.)

d. *Não Somos os Únicos a Ter Esta Expectativa.* Alguns eruditos cristãos⁷ unem-se conosco em aguardar um tempo em que o universo ficará livre de iniquidade e em que haverá uma restauração das condições edênicas. Escreveu um autor:

"Deverá a velha Terra ser amaldiçoada para sempre? Não. A obra de Cristo como Redentor não estaria completa. Depois de ter salvo o homem, Êle . . . efetuará também a restituição de tôdas as coisas." — *The Biblical Illustrator*, sobre II S. Pedro 3:13, pág. 179.

Segue então uma linda descrição da nova Terra.

O velho universo foi arruinado pela Queda. Permeou-o o pecado com seus efeitos. Isso inclui tôda a Natureza, os animais, as coisas inanimadas, os corpos celestes e também os céus. Tudo se tornará nôvo. Naquele dia o fogo torná-los-á novos, para que nêles habite justiça. Será removido todo vestígio de iniquidade.⁸

Por conseguinte, em Daniel 8:14, embora *tsadaq* em sua relação com o santuário dê ên-

(Continua na pág. 24)

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Antíoco Epifânio e as Especificações Proféticas de Daniel

(Continuação)

4. NÃO CORRESPONDE ÀS ESPECIFICAÇÕES DE DANIEL 7. — Os adventistas do Sétimo Dia rejeitam a aplicação a Antíoco da ponta pequena de Daniel 7, por diversas razões:

a. Antíoco pertencia ao terceiro império na verdadeira seqüência histórica desde o tempo de Daniel.

b. O quarto animal tinha dez pontas (vers. 7, 19 e 20), mas o animal grego-macedônico, a que pertencia Antíoco, teve quatro divisões, que no capítulo 8 são descritas como quatro pontas. Na verdade, os dois símbolos não precisam estar forçosamente de acôrdo, mas a discrepância está entre o número autêntico de divisões que sucederam ao império original.

c. Antíoco não surgiu depois de dez reis (vers. 24). Foi apenas o oitavo na dinastia selúcida (síria). Além disso, a profecia requer pontas contemporâneas, não sucessivas.

d. Ele não era "diferente" de seus predecessores (vers. 24).

e. É impossível encontrar três dentre dez reis que foram "arrancados" ou subjugados antes dêle (vers. 8 e 24); os que pretendem fazê-lo, citam apenas aspirantes que nunca foram reis autênticos.*

f. Ele não era mais "robusto" do que os demais (vers. 20); não era o maior de sua dinastia; seu pai, não êle, chamava-se Antíoco, o Grande.

g. É verdade que êle blasfemou de Deus, modificou leis referentes ao culto e perseguiu o povo escolhido de Deus, mas sua perseguição não durou, segundo se alega, três tempos e meio (vers. 25).

h. Ele não prevaleceu até o julgamento perante o Ancião de Dias, que devia ser acompanhado pela entrega do reino eterno aos santos (vers. 9-14, 26 e 27).

i. Suas grandes palavras não foram a causa da destruição do animal ou império grego-macedônico (vers. 27).

j. O reino que veio depois do macedônico foi o romano, não o reino eterno dos santos (vers. 27).

l. Alguns atribuem êste reino dos santos ao primeiro advento de Cristo no período seguinte, isto é, o romano. Mas o reino e o domínio "debaixo de todo o Céu" não foi estabelecido então, e o reino da graça nos corações dos homens não corresponde às especificações.

m. Numa profecia cujo panorama se estende da Babilônia do tempo de Daniel ao juízo e o reino dos santos, a breve e malograda tentativa de Antíoco para dominar os judeus seria engrandecida de maneira desproporcional pela aplicação dêste símbolo da ponta pequena. Procuramos debalde os importantíssimos acontecimentos do juízo e do estabelecimento do reino eterno de Deus após o domínio de Antíoco.

A conclusão óbvia é que Antíoco não corresponde às especificações no tocante à ponta pequena, nem mesmo as mais iniciais, para não falar da descrição final. Isto torna deveras evidente a derrocada completa da predominante interpretação modernista baseada na suposta ignorância de um pseudo-Daniel do segundo século escrevendo uma profecia falsa durante o tempo de Antíoco, ou depois dêle. E visto não haver outro candidato aceitável do período macedônico que não seja Antíoco, temos de inferir que a ponta pequena de Daniel 7 não pode ser a Grécia, e a única alternativa é que ela se aplica a Roma.

5. NÃO CORRESPONDE ÀS ESPECIFICAÇÕES DE DANIEL 8. — O ponto de vista que faz de Antíoco a ponta pequena de Daniel 8, que se tornou "muito forte," também merece ser examinado. Existe sedutora plausibilidade no fato de Antíoco provir ou "sair" realmente de uma das quatro pontas ou reinos da cabeça do bode grego-macedônico. Não obstante, além de haver diferenças de opinião a respeito de se a expressão "saiu de um dêles" quer dizer

de uma das pontas ou reinos, ou de um dos “quatro ventos” (vers. 8 e 9), isto é, de um dos quatro pontos cardeais, há obstáculos para considerar Antíoco como cumprimento adequado das especificações proféticas.

a. Em primeiro lugar, Antíoco não era uma “ponta.” As quatro pontas do bode eram “quatro reinos” (vers. 22), dos quais o maior foi o reino selúcida ou sírio. Antíoco não era uma ponta ou reino separado, mas um dos reis da ponta selúcida, sendo portanto parte de uma das pontas.

b. Antíoco não “se tornou muito forte” (a *King James Version* diz “extraordinariamente grande”) (vers. 9), em comparação com o império grego-macedônico de Alexandre (vers. 8). Antíoco nem sequer foi o mais poderoso rei da divisão selúcida do império de Alexandre.

c. Antíoco dificilmente se tornou muito forte através da conquista (vers. 9). Sua arremetida “para o Sul” (Egito) foi obstada pela simples palavra de um oficial romano; sua expedição “para o Oriente” resultou em sua morte; e o seu domínio sobre a “Terra Gloriosa” da Palestina não perdurou, pois sua perseguição aos judeus impeliu-os à resistência que mais tarde redundou em sua independência.

d. O furor da ponta contra “o exército dos céus” (vers. 10), que evidentemente é equiparado com “os poderosos e o povo santo” (vers. 24) parece ser uma referência plausível à perseguição dos judeus por parte de Antíoco. No entanto, se as especificações apontam para outro poder que também perseguiu o povo de Deus, este versículo não poderá ser decisivo.

e. Contra que “príncipe do exército” (vers. 11) ou “Príncipe dos príncipes” (vers. 25) se levantou Antíoco? Esse personagem dificilmente poderá ser um simples sacerdote judeu; o “Príncipe dos príncipes” só poderia ser uma designação excepcional para Deus ou Cristo, cujo culto foi atacado por êle.

f. Antíoco tirou o “sacrifício contínuo” ao Deus verdadeiro, embora não tivesse abolido os sacrifícios do Templo; substituiu-os por outros em homenagem aos deuses pagãos. Contudo, êle apenas profanou “o lugar do seu santuário.” Este só foi “deitado abaixo” ao ser destruído pelos romanos, em 70 A.D.

g. Suas tentativas para “deitar por terra a verdade” (vers. 12) foram infrutíferas. Sua perseguição redundou no fortalecimento da verdade, unindo os judeus contra a helenização do judaísmo.

h. Conquanto Antíoco não fôsse um rei fraco, dificilmente se poderá dizer que sua política ambiciosa tenha prosperado (vers. 12; comparar com o vers. 24); tampouco fêz prosperar

o engano, por sua astúcia nos seus empreendimentos (vers. 25).

i. As tentativas de computar os 2.300 dias (vers. 14) como sendo o período literal da profanação do Templo por parte de Antíoco não conseguem adaptar a cronologia a qualquer uma das fontes.

j. Antíoco não reinou “no fim” dos reinos helenísticos do império de Alexandre (vers. 23), mas quase no centro desse período.

l. Seu “poder” não foi surpreendentemente “grande,” e também não se pode dizer que tal não ocorreu “por sua própria força” (vers. 24). Tais frases pelo menos não confirmam de modo especial a identificação de Antíoco.

m. Antíoco foi “feroz” para com os judeus, mas não se salientou por ser “entendido de intrigas” (vers. 23).

n. Antíoco não foi “quebrado sem esforço de mãos humanas” (vers. 25); não existe indício algum de algo miraculoso ou misterioso com referência ao fracasso que teve com os judeus, ou sua morte.

o. Considerar, como fazem alguns, o Papado como a ponta pequena do capítulo 7, e Antíoco como a ponta pequena do capítulo 8, é tirar o equilíbrio dessas duas profecias — interferir no óbvio paralelo entre as duas seqüências de poderes mundiais apresentados. Se o capítulo 7 segue a seqüência de Babilônia, através da Pérsia, do império de Alexandre e de seus sucessores divididos, do império romano e do papado — até o juízo — então o capítulo 8, que começa com a Pérsia, um passo além, deve abranger a mesma sucessão: Pérsia, Alexandre, as quatro pontas ou reinos que surgiram de seu império, e depois outra ponta, que evidentemente é outro reino. Para preservar a manifesta analogia, esta ponta deve ser logicamente o próximo poder mundial depois das monarquias helenísticas — isto é, Roma; e é de esperar que o alcance da profecia se assemelhe ao do capítulo 7, estendendo-se até o fim, quando a ponta seria quebrada sem esforço de mãos humanas. (Isto não significa que as duas pontas pequenas sejam idênticas em todos os seus pormenores.)

Ainda que certos detalhes desta profecia de Daniel 8 possam ser considerados aplicáveis às atividades de Antíoco, a figura desse soberano, com seus exígios triunfos e proeminentes fracassos, é demasiado pequena para corresponder às indicações.

6. AS ESPECIFICAÇÕES REFERENTES AO TEMPO FALHAM TANTO PARA DANIEL 7 COMO PARA DANIEL 8. — As fontes citadas para as especificações do tempo de ambas as pontas pequenas estão em irremediável conflito. Assim, com referência a Daniel 7, as atividades de Antíoco não satisfazem aos requisitos do tempo da profecia. A despeito das afirmações contrárias dos proponentes, de

açõdo com I Macabeus 1:54 e 59, e 4:52, Antfoco suprimiu os sacrificios judaicos durante exatamente três anos literais. Mas isto não se harmoniza com os três "tempos" e meio de Daniel 7:25, que via de regra são identificados como abrangendo 1.260 dias proféticos. ** Além disso, Josefo, dois séculos mais tarde — em conflito com o relato dos Macabeus — declara (*Wars* i. 1.1) que esse episódio durou três anos e meio, embora noutra parte (*Antiquities* xii. 7.6) êle contradiga a si mesmo, afirmando que foram exatamente três anos! E ainda mais, êle neutraliza ambas essas declarações no prefácio da obra *Wars* (Guerras), ao dizer serenamente que em realidade foram três anos e três meses. Assim uma declaração anula as outras. Existe, pois, irremediável conflito e contradição nas próprias fontes citadas.

Ademais, tôdas as tentativas de igualar os 1.260 dias da ponta pequena de Daniel 7:24 e 25 com os 2.300 dias, ou "tardes e manhãs," de Daniel 8:14 — ou com 1.150 dias, se 2.300 fôr dividido por dois, segundo insistem alguns — são manifestamente forçadas. Constituem apenas uma aproximação, pois 2.300 dias (ou 1.150) indubitavelmente não equivalem a 1.260. E inversamente, os 1.260 dias de Daniel 7 por certo não são iguais aos 2.300 "dias pela metade" ou 1.150 "dias inteiros," de Daniel 8. Um número não pode ser adaptado para satisfazer aos reclamos dos outros. A diferença é muito grande — pois os algarismos não são elásticos. Bem diferente do princípio de que um dia equivale a um ano, determinar um certo número elimina claramente os outros. Todos estão portanto errados em semelhante esquema.

Concordamos com o Bispo Tomás Newton (*Dissertations on the Prophecies*, 1796, pág. 217), que escreveu acertadamente no século dezoito:

"Esses dois mil e trezentos dias de maneira alguma podem ser computados para ajustar-se aos tempos de Antfoco Epifânio, mesmo que os dias sejam considerados dias naturais."

E o Deão F. W. Farrar, embora defendesse pessoalmente a teoria referente a Antfoco, admite que "não existe a mínima certeza no tocante às datas exatas" (*The Book of Daniel*, 1895, pág. 266). E êle confessa francamente: "Não há suposição razoável pela qual possamos alcançar rigorosa exatidão." — *Idem*, pág. 264. ***

Há meio século, o Dr. Carlos H. H. Wright, do Colégio Trindade, em Dublin e Oxford, declarou o seguinte sobre os cálculos concernentes aos 2.300 dias de Daniel 8, no livro *Daniel and His Prophecies* (Daniel e Suas Profecias), 1906, pág. 186:

"Todos os esforços, porém, para harmonizar o período, quer seja interpretado como 2.300

dias, ou como 1.150 dias, com alguma época definida e histórica mencionada no livro dos Macabeus ou nas obras de Josefo, se mostraram inúteis."

*) Com efeito, o Dr. Wright chega a afirmar:

"Não se tem dado nenhuma interpretação satisfatória aos 2.300 dias, que são considerados como referindo-se ao tempo dos Macabeus. É bem provável que êses 2.300 dias sejam um período de dias proféticos ou anos [literais] que ainda terão de completar o seu curso." — *Idem*, pág. 190. +

Independentemente, porém, destes aspectos incoerentes e contraditórios no tocante ao cômputo exato do tempo, a interpretação dos três tempos e meio (1.260 dias), ou dos 2.300 dias, como simplesmente êsse número de dias literais, viola a lei fundamental do simbolismo — que consiste em que todos os símbolos representam alguma coisa diferente do que o objeto ou item usado como símbolo. Assim, as "bêstas" de Daniel 7 e 8 não simbolizam animais literais, mas nações especificadas. Semelhantemente, os concomitantes aspectos de tempo devem representar alguma medida de tempo diferente do que a unidade concreta usada na descrição profética. Por isso, na profecia de tempo simbólico um dia profético equivale a um ano em seu cumprimento literal. (Ver Números 14:34 e Ezequiel 4:6.) Portanto, os 2.300 dias não poderiam simbolizar o mesmo número de dias literais, mas sim de anos. Conseqüentemente, quem insistir que Antfoco é simbolizado pela ponta pequena transgredir o princípio fundamental do simbolismo, tomando ao pé da letra o inseparável fator do tempo. — *Questions on Doctrine*, págs. 325-333.

* Notai a inexactidão das dez pontas. A fim de tornar Antfoco Epifânio a décima primeira ponta em Daniel 7, os defensores do ponto de vista referente à Grécia procuram indicar dez reis individuais e sucessivos da Síria, três dos quais deviam ser despojados de sua realza. Mas não é possível encontrar dez reis sírios legítimos. Os defensores das diversas listas com frequência admitem sua incerteza e falam de obscuridade histórica, números redondos e interpretações simbólicas (Delitzsch, Hitzig, Hertzfeld, Zöckler).

Keil afirma acertadamente que a interpretação sugerida é "despedaçada" pelo simples fato de que essas pontas devem encontrar-se simultaneamente na cabeça do animal profético, e não uma depois da outra (*The Book of the Prophet Daniel*, pág. 255). Biederwolf declara rispidamente: "Os que fazem de Antfoco Epifânio a 'ponta pequena' e o décimo primeiro rei, não podem descobrir os primeiros dez." — *The Millennium Bible*, "Daniel," págs. 207 e 208.

Zöckler admite francamente o seguinte a respeito das três pontas: "Tôda tentativa para designar os três monarcas ausentes, que deviam preencher o breve intervalo e a condição de turbulenta anarquia que precedeu a ascensão ao trono de Antfoco Epifânio, resulta em fracasso." — *Lange's Commentary*, pág. 165. Mencionando os três nomes que comumente são citados — Demétrio, Heliodoro e Ptolomeu IV — acrescenta êle: "Na realidade, porém, nenhum destes rivais de Epifânio podia ser considerado rei da Síria, pois Heliodoro não passava de um usurpador, que foi destronado após breve reinado, e não existe qualquer relato que demonstre que Demétrio ou Ptolomeu Filométrio aspirassem seriamente ao trono."

Além disso, os reis, ou o reino da Síria (abrangendo apenas a quarta parte do império grego original), não poderiam ser classificados como pontas de um animal que representava todo o domínio grego, como o pretensu quarto império.

** A ênfase da Reforma Protestante, em especial a dos tempos posteriores à Reforma, consistia em que êsses 1.260 dias proféticos ou simbólicos requeriam o mesmo número de anos literais para seu cumprimento. E os reformadores buscavam ansiosamente o cumprimento — o qual, no fim do século XVIII, era amplamente considerado como se estendendo do tempo de Justiniano até a Revolução Francesa.

*** Zöckler (*Lange's Commentary*, sobre Daniel, págs. 164-166) declara que êsses períodos, baseados nos registros dos Macabeus, "oscilam entre períodos que abrangem de três a seis anos, sem que seja possível demonstrar um período de exatamente três anos e meio." Ele chega pois à conclusão de que os 3 anos e meio devem ser interpretados "como número redondo." E acrescenta também (pág. 184) que não existe "exata correlação" com os 2.300 ou 1.150 dias — portanto precisam ser considerados simbólicos.

E o Dr. H. C. Leupold (*Exposition of Daniel*, pág. 355) afirma contundentemente: "De qualquer maneira que sejam computados, não haverá nenhum período bem delineado de uma ou outra extensão. Começa então a prestação dos fatos e dos algarismos."

E acrescenta: "Existe algo fundamentalmente errado nessas computações." — Pág. 356.

+ Zöckler vê-se obrigado a admitir com referência à tese que defende: "Permanece aberta a questão de serem designados anos comuns de calendário ou, o que certamente não é menos provável de per si, se é feita alusão a períodos simbólicos, que são avaliados por um padrão conhecido só por Deus e não pelos homens." — *Lange's Commentary*, sobre Daniel, pág. 161.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator-responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50



Ano 34

N.º 2

Daniel 8:14 e a ...

(Continuação da pág. 20)

fase à purificação, esta palavra sem dúvida foi escolhida em virtude de sua significação mais ampla — a da "purificação do universo" — onde tudo será endireitado. Deus ficará justificado, e a Terra renovada será um lugar no qual "habita justiça."

REFERENCIAS:

1. O templo é mencionado 4 vezes, o altar 9.
2. Ver também as traduções de Goodspeed, Moffatt, Lamisa, Moulton, Rotherham, a *Amplified Version*, a *Jerusalem Bible* etc.
3. Ver as obras: *Irenaeus' Against Heresies*, Cap. XV, par. 6; *Origen Against Celsus*, Vol. VI, Cap. 43; *De principiis*, Cap. II. 1. Azazel é um anjo poderoso, o anjo destruidor, o pervertedor — Satanás.
4. Ver o *Commentary on the Pentateuch*, Vol. 2, de Keil e Delitzsch.
5. Ver *Op. cit.*, págs. 335 e 336, de M. Kalish; *Sacrificial Worship in the O. T.*, págs. 405 e 406, de J. H. Kurtz; e muitos outros.
6. *Hasting's Dictionary of the Bible*: Comentário de Jameson, Faussett e Brown; *Jewish Encyclopædia* 2:367; *Zohar*, Vol. 5, pág. 53; *Treasures of the Talmud*, de P. I. Hershon, pág. 93.
7. *The Biblical Illustrator*, pág. 179, sobre II S. Pedro 3:13. Fleming Revell, Londres.
8. R. H. C. Lenski, em *Interpretation of St. Peter*, Wartbur Press, Columbus, Ohio, 1956, pág. 350. Ver também Adão Clarke, sobre Apocalipse 22:3; J. Skinner, na *Cambridge Bible*, sobre Isaías 65:17; C. J. Ellicott, *Old Testament Commentary*, sobre Isaías 65:17; Brook Foss Westcott, *Book of Hebrews*, págs. 271-282; E. H. Plumtree, na *Cambridge Bible*, sobre II S. Pedro 3:13.

NESTE NÚMERO

CAPA: C. P. B. — Túlio Pesce, pintor

DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

Ellen G. White 2

O ÊXITO ESTÁ AO VOSSO ALCANCE

Neal C. Wilson 3

COMO ESTUDAIS VÓS? — 1.ª Parte

Bernardo E. Seton 4

O DESAFIO DA CONCLUSÃO DA OBRA — 1.ª Parte

Roberto H. Pierson 7

TRABALHANDO COM COMISSÕES E GRUPOS

Carlos M. Mellor 10

O DIABO E A CORREÇÃO GRAMATICAL

Silas dos Santos 12

ZONA PERIGOSA

Orlando G. de Pinho 13

ÊXITO BATISMAL

Alcides C. Rodrigues 15

DANIEL 8:14 E A PURIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO — IV

W. E. Read 17

ANTÍOCO EPIFANIO E AS ESPECIFICAÇÕES PROFÉTICAS DE DANIEL (Continuação) 21

